

# 2

## CAPÍTULO

---

Estrutura e função do medo diante do sagrado:  
diversidade sociocultural e educação emocional

*Estructura y función del miedo mediante lo sagrado:  
diversidad sociocultural y educación emocional*

*Structure and function of fear through the sacred:  
socio-cultural diversity and emotional education*

---

Fernando Antonio Domingos Lins y Rodrigo Silva Rosal de Araújo

### RESUMO

Analisar a possível relação que se estabelece entre a estrutura e a função do medo ante as concepções do sagrado e a educação emocional, destacando-se o papel dessa dinâmica na construção da subjetividade, como componente da vida mental, expressão da vida de relação e da diversidade cultural: eis o objetivo do presente trabalho. Busca-se, por fim, constatar criticamente sob quais formas e em que medida o medo diante do sagrado, em distintos modelos culturais e em vários momentos da história, atua modelando a faceta emotiva do sujeito.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Medo, sagrado, educação, emoção, diversidade cultural, subjetividade.

## *RESUMEN*

- El objetivo de este trabajo es analizar la relación entre la estructura y la función del miedo bajo la concepción de lo sagrado y la educación de las emociones. Destacamos la función que cumple esta relación dinámica en la construcción de la subjetividad. Finalmente, se analizan las formas y la evaluación del miedo
- bajo lo sagrado en diferentes modelos culturales y en diferentes momentos de la historia de las emociones.

## *PALABRAS CLAVE*

Miedo, sagrado, educación, emoción, diversidad cultural, subjetividad.

## *SUMMARY*

The object of this work is to analyse the relationship between the structure and the function of fear in the concepts of sacred and education in emotions. We highlight the function of this dynamic relationship in the construction of subjectivity. Finally, an analysis is carried out on the forms and assessment of fear classified as sacred in different cultural models and at different points in time of the history of emotions.

## *KEY WORDS*

Fear, sacred, education, emotion, cultural diversity, subjectivity.

## Introdução

A psicologia observa as reações consideradas adversas do comportamento humano como aquelas que fogem dos padrões sociais e culturalmente aceitos num determinado grupo.

As emoções, enquanto forma mais intrínseca de expressão da vida mental do ser humano, são também reguladas pelo processo de endoculturação, onde valores éticos, morais, crenças, conceitos e significados são construídos, compondo o que denominamos ser uma educação relativa a cada indivíduo, sua história de vida e seu contexto cultural.

Analisar a possível relação que se estabelece entre a estrutura e a função do medo ante as concepções do sagrado e a educação emocional, destacando-se o papel dessa dinâmica na construção da subjetividade, como componente da vida mental, expressão da vida de relação e da diversidade cultural: eis o objetivo do presente trabalho.

O medo, tido como a face mais imprevisível e ao mesmo tempo um verdadeiro mecanismo de defesa da integridade no rol das emoções dos seres humanos, serve como instrumento de legitimação social das hierarquias, do poder, da sedução, bem como de valores transmitidos pelas crenças de natureza religiosa, como forma de estereotipar padrões de comportamento e promover a educação dos instintos e impulsos mais imediatos que marcam a esfera da condição humana.

Busca-se, por fim, constatar criticamente sob quais formas e em que medida o medo diante do sagrado, em distintos modelos culturais e em vários momentos da história, atua modelando a faceta emotiva do sujeito.

## Compreendendo o significado do medo e do sagrado na perspectiva da filosofia antiga

Na construção da tradição reflexiva grega, ocupa um espaço de inegável importância a questão da relação entre o homem e o sagrado. Por meio de composições trágicas, narrativas míticas e diversas hierofanias, o sagrado preenche o horizonte de reflexão do homem na Grécia Antiga auxiliando a elaboração da sua subjetividade. Até mesmo as concepções cosmogônicas estão orientadas por uma intuição desse gênero (Jaeger, 200:12).

No contexto histórico-cultural da Grécia Antiga, as estruturas políticas e o tecido social guardavam vinculação com os mecanismos de crenças, cultos e ritos em sua dimensão sagrada, numa dinâmica que se enlaçava em todos os níveis da realidade.

Por outro lado, o rico tesouro da sabedoria popular, mesclado de regras primitivas de comportamento e editos de prudência enraizados em superstições, conforme se observa na poesia de Hesíodo, compunham uma imagem dos prêmios e dos castigos em relação às condutas praticadas, bem como representavam bem a idéia de obediência através do medo da sanção sagrada. (Jaeger, 1998: 24).

Em geral, ainda sob o enfoque filosófico e cultural da Grécia Antiga, compreende-se o medo como uma emoção. Sob o mesmo viés, entende-se por emoção qualquer estado, movimento ou condição que provoque no homem a percepção do valor que determinada situação tem para sua vida. Ou seja, a emoção tem uma função na existência humana. Verifica-se, então, a relevância na economia das relações interpessoais e sociais de elementos considerados irracionais. Por outras palavras, os impulsos irracionais, não sistematizados e os atos que deles resultam tendem a ser excluídos do 'eu' e atribuídos a uma outra origem. Percebe-se uma tendência para transformar o medo diante do sagrado num agente de justiça (Dodds, 1988:43).

Nesse sentido, nas palavras de Aristóteles, a emoção é toda afeição da alma, acompanhada pelo prazer ou pela dor. Desse modo, a emoção pode ser considerada a reação do ser vivo a uma situação favorável ou desfavorável. Ao considerar o prazer vinculado à atuação de um hábito ou de um desejo natural, Aristóteles atribuiu-lhe a mesma função de restituição de uma condição natural e, por conseguinte, considerou doloroso o que a afasta violentamente da condição natural.

Nessa visada, veja-se, por exemplo, a definição aristotélica do medo: 'o medo é uma dor ou uma agitação produzida pela perspectiva de um mal futuro, que seja capaz de produzir morte ou dor.' (Retórica, II, 5, 1382). Todavia, nem todos os males são temidos, mas somente os que produzem grandes dores e destruição e, mesmo estes, só no caso de não estarem distantes demais, mas iminentes.

Por outro lado, o medo pode desempenhar um papel fundamental na formação e na modulação do caráter, passando, então, a ser encarado como um poderoso instrumento de educação emocional e política no programa educativo sistematizado por Aristóteles no contexto grego antigo.

## A função social e individual do medo enquanto instrumento de educação e controle emocional

No desenvolvimento das questões e dos problemas suscitados pela reflexão ética, Aristóteles considerou o medo como um componente ineliminável da vida privada e pública. Assim, não é de pouca importância sua profunda análise sobre as emoções e suas implicações na aquisição, pelo hábito, da virtude. É realmente sugestiva sua abordagem porque

constrói uma ligação forte entre a educação para a *polis* e o exercício da sabedoria prática balizado pelo estudo dos prazeres e das dores.

Seus argumentos se concentram, sobretudo, na obra 'Ética a Nicômaco', na qual fala dos princípios da educação do cidadão. Nesses estudos, Aristóteles advogava que o conhecimento da virtude, por si só, não é suficiente para determinar o comportamento do homem. É preciso exercício e esforços para se chegar lá (Hourdakis, 2001). Por essa razão, a educação é considerada a atividade e força que produz uma obra política, social e moral.

A grande questão, portanto, é saber como o homem se tornará virtuoso para poder participar da vida política de sua cidade. Logo, é relevante e absolutamente necessário que conheçamos o bem, pois somente então poderemos receber sua influência favorável (Hourdakis, 2001:49). É preciso, assim, que o caráter possua previamente alguma familiaridade com a virtude, manifestando amor pelo bem e aversão pelo mal.

A partir do contato, por meio do hábito, com as emoções que provocam prazer ou dor – e o medo aqui se inclui – a educação adquire uma função individual, de início, e social, posteriormente, eminentemente purificadora. E essa purificação é a limpeza e a rejeição de todo elemento heterogêneo de uma pessoa ou de um objeto. Logo, purificar significa a supressão da alienação e a restituição da integridade e da autenticidade (Hourdakis, 2001:76). Registre-se, por oportuno, que igualmente Platão tinha a preocupação de educar as paixões. Educar as paixões implica não se deixar guiar pela avidez dos sentidos. Em Platão, trabalhando a paixão e orientando-se pelo logos, o homem torna-se um purificado, porque realiza o melhor de si, tornando-se quase divino (Teixeira, 1999:60). Percebe-se, enfim, que o medo deverá ingressar na educação do cidadão como aquele elemento capaz de desencadear a 'limpeza' necessária e exigida para uma perfeita formação cívica. Afinal, enquanto elemento nomeadamente irracional, o medo implica, sob o enfoque aristotélico e dentro da cultura grega antiga de um modo geral, uma obediência que favorece o controle político por meio de jogos emocionais que exercitam a disciplina moral.

Nesse treinamento emocional, o prazer e a dor que sobrevêm aos atos devem ser tomados como sinais indicativos de nossas disposições morais e de nossas ambições políticas. Com efeito, a excelência moral relaciona-se com prazer e sofrimento, os quais condicionam a prática de ações más ou nobres, na esfera pública ou privada (Ética a Nicômaco, II, 3, 5 a 10). Da mesma forma, o medo relaciona-se com a coragem e a confiança no sentido de concorrerem para formatar a estrutura e a finalidade da educação política, a partir de pressupostos como a hierarquia e a disciplina. (Ética a Nicômaco, III, 9 A 10). Eis o porquê de não poderem existir boas e más ações sem uma combinação de intelecto e de caráter, e é principalmente no caráter que o medo atua como uma característica inafastável da subjetividade (Ética a Nicômaco, VI, 2 a 6).

## **Compreensão do medo e do sagrado segundo o imaginário e os místicos**

De acordo com o enfoque interdisciplinar da Antropologia e da Psicologia, pretende-se conceptualizar o medo e o sagrado na compreensão do Imaginário e dos Místicos.

De forma inequívoca, a História das Mentalidades (Delumeau: 1989, 1997, 2003) forneceu elementos capazes de reconstruir a vida privada, o imaginário, as sedições e o grande universo dos sentimentos e emoções proeminentes ao longo dos séculos. Perseguindo uma

tradição própria das primeiras grandes escolas, a investigação antropológica de natureza etnográfica envergou-se sobre o que se denominou de Formas Elementares, Primevas, Primordiais no relacionamento do homem com o que se entendia por sagrado (Durkheim, 1985). O discurso acerca de uma fenomenologia crescente foi objeto das mais variadas interpretações e deduções, produzindo uma plêiade de termos que até hoje divergem entre si: animismo, fetichismo, totemismo, mana, hierofania, magia, êxtase, transe, possessão, etc. A livre compreensão desses étimos permitiu que, por exemplo, entre a psicologia e a antropologia, dentre outras, escolas consideradas rivais de marcos teóricos fossem manipuladas por ideologias segregacionistas, discriminatórias (psicologismos).

A distinção entre um elemento não racional e um racional, mediados por um sagrado que os transcende (Otto, 1949), passa a coexistir com as representações deste sagrado (hierofanias) num exercício de visibilidade e tangibilidade que conferem legitimidade aos 'fenômenos' (Eliade, s.d.). Observamos que não só a senso-percepção, mas a consciência contribui enquanto instâncias da vida mental, do psiquismo, para o gozo das emoções, exteriorização dos sentimentos e expressão dos comportamentos.

O medo, por meio de inúmeras interpretações, está associado a um psiquismo 'normal', padrão de sociedades e culturas, instrumento de preservação, sobrevivência, mecanismo de defesa, etc., ante situações e ocorrências deflagradoras de impulsos de ordem instintual. Contudo, derivadas de um medo considerado exorbitante, paroxístico, imotivado nos limites de certas convenções, a Fobia e o Pânico se associam a um psiquismo 'patológico ou anormal' no domínio de categorias nosológicas com indiscutível grau de morbidade para os clínicos. A tênue fronteira, linha divisória, entre o medo, fobia e pânico, não pode ser legitimada pela institucionalização das motivações e padronizações de costumes a revelia do ser humano em sua integridade biopsicossociocultural.

É imprescindível considerar-se uma pré-existência de função social da vida psíquica, mantenedora das relações sociais, grupais, do público com o privado, do individual com o coletivo. A função social do medo, por exemplo, é imperioso ajustamento para o que se considera por 'ímpetus', disciplinando os atributos e favorecendo o domínio das hierarquias e concentração de poder. Dessa forma, perpetuamos aos nossos dias a culpabilidade ocidental, a submissão aos dogmas, a secularização dos ritos e entronização de mitos. Ainda, sistemas totalitários, políticos, cáusticos, invasivos e expropriadores da identidade lograram êxito intemorato por séculos.

Doutrinas salvacionistas, com proposições redentoras, contemplativas e revolucionárias, persistem fortalecendo os vínculos do racional/irracional, natural/sobrenatural, da realidade com o mito sob o efeito de encantamentos, desdobramentos, arroubamentos, etc. Ritos e técnicas desencadeadores dos chamados 'Estados Alterados de Consciência' ou 'Estados modificados' permitem a busca de sensações prazerosas, mesmo transitórias, que desafiam qualquer temor do desconhecido, ou do que se imagina conhecer, dominar como semelhante da nossa realidade, universos paralelos, um conforto ao que busca e encontra no incognoscível cenário de relativa familiaridade.

Um 'Messias' e um 'Milenium' reuniram centenas de manifestações ditas primitivas e/ou rústicas em sociedades elementares e complexas, num espaço das representações do sagrado (hierópolis) sem limites (Delumeau, 1997). Os sacrifícios, inclusive humanos, aí presentes, pretendiam diante de tantas vidas 'ceifadas' desencantar o mito fundador, por meio da essência vital (sangue) a este oferecido num regime de voluntariado perseguindo

a excelssitude. As imolações altruisticamente coletivas contrariavam qualquer ímpeto de preservação corpórea, quando então o psiquismo já se entregara a um continuum do sagrado, premente na crença de uma imortalidade e um gozo plenos sem as adstringências da carne (matéria).

Capítulo sobremaneira importante no rol dos estados místicos de vida religiosa, monástica, é o que trata das experiências vividas por Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, nascida em Ávila no dia 25 de março de 1515 e falecida em 04 de outubro de 1582, em Alba de Tormes. Santidade insigne declarada pelo Papa Gregório XV em 12 de março de 1622 e 'Doutora da Igreja' pelo Papa Paulo VI em 27 de setembro de 1970. As crises de Teresa assustavam as demais religiosas, faziam-na definhar, resistia a todos os tratamentos médicos. Convulsões, crises de excitação motora, extremidades frias, dores extremadas, contorcimentos e imobilidade pétreas.

Com o desaparecimento de sintomas motores, tão subitamente quanto a origem das mesmas, entrega-se à vida monástica, dedicando-se arduamente a fé. Visões sucessivas de Cristo concorreram na edificação de seus propósitos, incessante atividade na estruturação da ordem carmelita, não lhe subtraindo dos escritos e narrativas.

Propiciando qualquer interpretação psicopatológica, a fenomenologia mística de Teresa resiste às puras e simples analogias mórbidas de uso clínico. Tão pouco haveria aqui uma tentativa de categorizar o 'místico' como mais uma das insondáveis representações do sagrado que se mostra aos ungidos pelo viés da dor, extenuação de forças, e contemplação de sua face apaziguadora após cada tempestade e tormenta física. Vale salientar o significado que toma a dor, a expiação essencialmente carnal para a evolução do corpo ante o controle das emoções. O padecimento, o martiriológico que concorre com o culto ao prazer e suavidade das formas, impregnando a estética de traços densos de imperfeição. Os canais de comunicação com o sagrado permaneceriam dessa forma obstruídos, não favorecendo aos arroubos da alma, o êxtase pleno. Não obstante, mesmo a Teresa, não se assemelha oportuno evidenciar uma contemplação perene, quando as 'obras' aguardam pelos benfeitores. Numa tentativa de conjugar a práxis mística ao fenômeno que lhe precede sem solução de continuidade, trabalha com afã pela causa, sem uma alienação que seria estereótipo de visionários, fanáticos, ascetas e hierofantes.

Não vislumbramos maior função social do medo que ser apanágio de revoluções sociais, matrizes fundadoras de doutrinas libertárias e reveladoras de um *ethos* capaz de dominar uma condição instintual e sublimá-la em rompantes de harmonia.

## Referências bibliográficas

- Abbagnano, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Abbagnano, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, vol. I e II, 1982.
- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- Aristóteles. *Retórica. Tradução e notas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- Ávila, Teresa de. *Escritos de Teresa de Ávila* (edição brasileira estabelecida a partir de obras completas, texto revisado e anotado por Frei Tomás de La Cruz, OCD, editorial Monte Carmelo, Burgos, 1977). São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- Burkert, Walter. *A criação do sagrado*. Lisboa: edições 70, 2001.

- Burkert, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- Delumeau, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Delumeau, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Delumeau, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilidade no Ocidente (séculos 13-18)*. Vol. II. Bauru: Edusc, 2003.
- Dodds, E. R. *Os gregos e o irracional*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- Durkheim, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. 7<sup>a</sup> édition. Paris: PUF/QUADRIGE, 1985.
- Eliade, Mircea. *O sagrado e o profano : a essência das religiões*. Lisboa: Edição livros do Brasil/Coleção Vida e Cultura, s.d.
- Guimarães, André Eduardo. *O sagrado e a História: fenômeno religioso e a valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- Hourdakis, Antoine. *Aristóteles e a educação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- Jaeger, W. *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. Lisboa: edições 70, 1961.
- Jaeger, W. *La teogonia de los primeros filósofos griegos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- Jaeger, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Lucena, José. *Santa Teresa e a Psicologia Moderna*, in *Semana de Santa Teresa*. Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: editora Universitária, 1973. p. 97-117.
- *Novos Estudos sobre Frei Luis de Leão*. Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: editora Universitária, 1975. 157p.
- Otto, Rudolf. *Le sacré: L'élément non rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel*. Paris :Payot, 1949.
- *Semana de Santa Teresa*. Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: editora Universitária, 1973. 159p.
- *Semana de São João da Cruz*. Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, 1974. 127p.
- Teixeira, Evilázio F. Borges. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999.
- Vernant, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Lisboa: teorema, 1987.
- Vernant, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Papirus, 1992.
- Vernant, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.